

O SÉCULO NIEMEYER

Lições de um centenário



EDSON MAHFUZ *

A arquitetura de Oscar Niemeyer sempre despertou reações contraditórias, tanto aqui como no Exterior. Por um lado há os que o consideram um "gênio da raça", um criador original que produz obras de altíssima qualidade artística a cada oportunidade, aparentemente sem qualquer esforço.

Por outro lado, há os que encaram a obra de Niemeyer com maior severidade, classificando-a muito mais como *escultura* do que *arquitetura*, devido a sua alegada falta de funcionalidade (entendida como inadequação às atividades que deveria abrigar), baixa qualidade construtiva e uma fixação em realizar proezas construtivas (tal como criar vãos de até 60 metros sem colunas em edifícios para atividades em que isso não seria necessário).

O próprio mestre não ajuda muito o entendimento da sua obra. Declarações como "a vida é mais importante do que a arquitetura", "a beleza também é função" e "o propósito da minha arquitetura é causar espanto" só confundem e mantêm a obra de Niemeyer envolta em uma aura de inacessibilidade e mistério.

Eu gostaria aqui de ficar distante daqueles extremos de opinião e, ao invés disso, apontar algumas qualidades da obra de Niemeyer a partir das quais se possa entendê-la melhor e até utilizá-la como ponto de partida na produção de novas arquiteturas.

O poder de síntese, a íntima relação entre a resistência e a forma, a recorrência do repertório e a universalidade são talvez as qualidades mais notáveis da vasta obra do arquiteto Oscar Niemeyer



LEOPOLDO PLENTZ, ESPECIAL

Forma sintética = identidade formal

Uma observação atenta dos projetos de Niemeyer indica duas coisas: eles são formados por um número limitado de elementos, os quais possuem formas elementares (cubos, paralelepípedos, cilindros, pirâmides, etc).

Essas duas características definem uma obra altamente sintética, fácil de entender e de memorizar – por isso de alto poder simbólico –, que nunca cedeu à tentação de fazer projetos excessivos em uma época classificada por alguns como neobarroca.

Estrutura e [é] forma

Na maioria dos projetos de Niemeyer, é difícil separar a estrutura resistente (pilares, vigas, lajes) da sua estrutura formal, uma se confunde com a outra. Ou seja, estrutura formal e resistente são resolvidas ao mesmo tempo, não em sequência, como é comum acontecer na prática mais anônima. Talvez por isso o salto quase direto entre croquis e projeto/obra seja tão direto e possível: pouco haveria a acrescentar após a definição dos elementos principais. Essa qualidade é inseparável da anterior: só uma grande capacidade de síntese permite realizá-la.

Previsibilidade

A obsessão pela "originalidade", incentivada por um número considerável de cronistas que vêem a arquitetura de fora, implica que se espere da obra de Niemeyer inovação constante, e em todos os níveis.

No entanto, em consequência do seu caráter evolutivo, sua obra é previsível

e facilmente reconhecível. Longe de ser um defeito, isso me parece ser uma das suas virtudes. Embora tenha declarado que o seu objetivo na arquitetura é causar espanto, o encontro com a maioria dos seus conjuntos nos transmite a reconfortante sensação de reencontro com algo já conhecido.

A cada novo projeto, nossa atenção se volta para identificar quais componentes do repertório niemeyerano estarão presentes, de que modo se relacionam espacialmente e qual surpresa formal irá nos proporcionar, em que pequeno pormenor aparecerá a cota habitual de inovação.

Arquitetura como (re) construção

Um aspecto paradoxal da obra desse arquiteto "original" é que um dos seus traços característicos é a recorrência, a reutilização de soluções já testadas, próprias ou de outros arquitetos (como foi o caso com a obra de Le Corbusier no início de sua carreira). Ao invés de reinventar a arquitetura a cada projeto, Niemeyer foi lentamente desenvolvendo um modo próprio de resolver programas arquitetônicos, ampliando seu repertório, adaptando e reciclando soluções já utilizadas.

A reutilização contínua de um repertório formal estabelecido implica um deslocamento da inovação para a escala dos elementos secundários ou do conjunto de edifícios. Há vários conjuntos urbanos de Niemeyer que empregam quase exatamente o mesmo grupo de elementos do seu repertório: plataformas, barras, cascas, cilindros, etc. O que os faz específicos é o modo em que as partes se relacionam, como abrigam o programa e como se relacionam com o lugar em que são inseridos.

Como se sabe, a real qualidade de um projeto não tem nada a ver com o grau de

inovação que apresente, mas com as suas relações internas e com as que estabelece com o seu entorno.

Universalidade

Apesar de tudo o que já se escreveu sobre a obra desse arquiteto, não lembro de que alguém tenha apontado uma de suas características mais salientes: a sua universalidade. Por um lado, a universalidade de uma obra tem a ver com a facilidade com que se dá o seu reconhecimento como forma. Como a obra de Niemeyer se caracteriza essencialmente por utilizar formas elementares, isoladamente ou em conjunto, a atividade formativa do observador – ou seja, de recriação da obra observada – é facilitada, não importando a sua nacionalidade. Aí reside uma das razões da aceitação da obra de Niemeyer em mais de um país.

Por outro lado, a universalidade de uma obra também tem a ver com a sua capacidade de reversibilidade, ou seja, com a facilidade com que aceita mudanças de programa. Essa é uma característica da arquitetura neoclássica que também está presente na obra de Oscar Niemeyer. A qualidade genérica dos seus projetos, os quais atendem ao programa sem necessariamente ser determinados por eles, faz com que possam abrigar mais de uma atividade ao longo do tempo.

A valorização atual da obra de Niemeyer deveria nos alertar para algo que me parece evidente, se tivermos a disposição e a abertura de espírito suficientes. Se essa obra possui qualidades, se é reconhecivelmente moderna, e se continua operativamente vigente, nossa apreciação e interesse deve se estender a todo o âmbito da arquitetura moderna brasileira, nossa única tradição autêntica.

* Arquiteto, professor titular da UFRGS

O que ele viu:

1914

Começa a I Guerra Mundial, que vai mudar o mapa geopolítico da Europa e do Oriente Médio.

1917

Dez dias que abalaram o mundo: a Revolução Soviética funda uma nova era.

1933

Hitler assume o cargo de chanceler na Alemanha.

O que ele fez:

1907

Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho nasce no Rio de Janeiro.

1928

Conclui o curso secundário. Casa-se com Annita Baldo.

1934

Forma-se em Arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio.

1935

Começa a trabalhar no escritório de Lucio Costa.

1940

A convite de Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, projeta o Conjunto da Pampulha.

1945

Filia-se ao Partido Comunista.

1951

Projeta os prédios do Parque do Ibirapuera, incluindo o Pavilhão Cicillo Matarazzo, e a grande marquise.

1957

Projeta o Palácio da Alvorada e, na sequência, os principais prédios de Brasília, como o do Congresso.

1969

Impedido de trabalhar no Brasil, abre escritório em Paris.

1983

Projeta o Sambódromo, no Rio.

1989

Inaugura o Memorial da América Latina, em São Paulo.

1991

Projeta aquele que é considerado um de seus prédios mais belos e um dos mais polêmicos (pela dificuldade de se montar exposições lá dentro): o MAC Niterói.

2006

Inaugura o Museu Nacional e a Biblioteca Nacional, em Brasília.

Enquanto isso...

1919

Na Alemanha, Walter Gropius funda a Bauhaus, escola de arquitetura e design que se tornará referência.

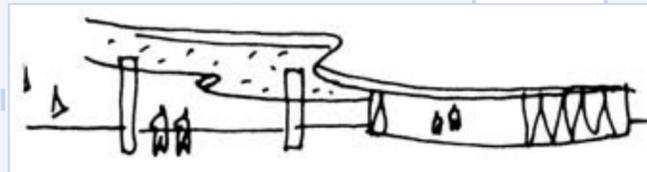
1926

Le Corbusier lança as bases de uma nova arquitetura: planta e fachada livres, pilotis e janelões.

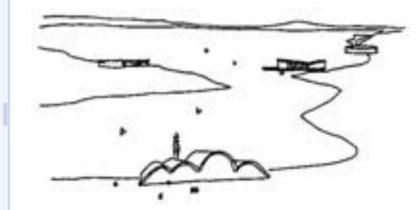
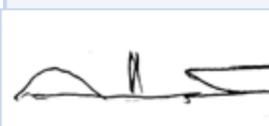
1929

Primeira viagem de Le Corbusier ao Brasil, quando ele tem a ideia de um viaduto gigante para o Rio de Janeiro.

DESENHOS DE OSCAR NIEMEYER, REPRODUÇÃO



A foto acima, que mostra em primeiro plano o Museu Nacional, tendo ao fundo a Catedral de Brasília, faz parte de um ensaio realizado em agosto pelo fotógrafo gaúcho Leopoldo Plentz. A série, exibida em setembro na Usina do Gasômetro, acaba de valer a Leopoldo o primeiro lugar em um concurso internacional promovido pelo Hotel Pestana, da Ilha da Madeira. O certame era dedicado a fotografias de obras projetadas por Niemeyer (como a sede do hotel, a propósito).



1954

Paulo Mendes da Rocha assina seu primeiro grande projeto em concreto armado aparente, marca da Escola Paulista.

1956

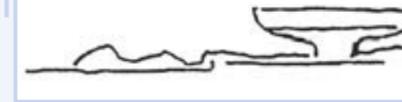
Lina Bo Bardi, arquiteta italiana naturalizada brasileira, projeta a sede do Masp, na Avenida Paulista.

1956

Frank Lloyd Wright projeta o Guggenheim Museum, em Nova York, célebre pelas linhas curvas.



RICARDO CHAVES



Data Publicação : 15/12/2007

Caderno :Cultura

Oscar Niemayer, Cem anos, Aniversário